2.º Anno — Quinta-feira, 21 de Setembro de 1893 — Numero 84

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 20 de setembro

A Barra d'Aveiro

III

As obras, que projectou o sr. engenheiro Silverio, isto é, a simples modificação da direcção das correntes interiores na foz do Vouga, assentam sobre uma ideia illusoria, estranhavel em quem tivesse algumas noções de hydraulica.

O movimento das areias não depende *só* da velocidade absoluta das correntes, mas *principalmente* das velocidades relativas, que se distribuem pela ria, e das mudanças de direcção, dos resaltos do fundo, das incidencias, etc., como explicaremos.

Quando mesmo com aquellas obras se augmentasse de um modo sensivel a velocidade absoluta, ou a força de varrer, não se evitavam todas as causas, que determinam o deposito das areias.

E' o que succede no nosso caso.

IV

Em quanto á acção obstruente do mar o chamado plano do Silverio nada remedeia. A acção das marés descendentes, que depende do desnivel, não augmentou, porque o desnivel fica sendo o mesmo.

V

Notou-se, que a barra do *Vire* na França se conservava sempre no mesmo estado, e d'ahi se presumiu, que dando aos canaes da entrada a disposição natural observada na foz do *Vire*, havia de conseguir-se o mesmo effeito.

Essa disposição consistia em que na embocadura o canal tinha 90 metros de largo, e que ia estreitando para cima—*en amont*—até 60. E' o que lemos em *Bouniceau*.

E com esta fórma, que a natureza indicou, nota-se, que as marés descendentes varrem tanto ou mais areias, quanto as ascendentes acarretam, e por isso conserva o porto a mesma linha de fluctuação.

VI

Para isto é preciso fixar as duas margens da barra de Aveiro, e portanto construir outro molhe na margem-norte, que ainda é de areia solta, como se sabe.

Em quanto ás correntes de dentro, o plano modificando a sua direcção, nada concorre para o fim, que se pretende, antes é prejudicial; emquanto ás de fóra, parece-nos, que as esqueceu.

VII

Em 1874 fechou-se completamente a barra d'Aveiro, e os donos das marinhas, preoccupados com verem as aguas do rio crescendo e já quasi tocando os montes de sal, convidaram para uma conferencia o director das obras publicas, o sr. Silverio, sobre o modo de obstar a que o mesmo facto se repetisse, e sobre os meios que eram necessarios.

Presidiu á conferencia o sr. Casemiro Barreto Ferraz; interrogando por duas vezes o sr. director, este não se dignou responder-lhe.

E' verdade, que não tendo nunca pensado n'um plano de melhorar o porto, não podia satisfazer ás perguntas.

Encontrando-me o sr. Casemiro Barreto, queixou-se de tanto silencio, e pouco depois o sr. Silverio queixou-se de que o haviam desconsiderado com a proposta de uma junta de engenheiros á barra doente.

Respondi-lhe, que não podia melindrar-se, pois o assumpto era como uma enfermidade perigosa, para a qual o medico assistente é o primeiro a pedir uma junta dos collegas.

Em um dos dias proximos visitava eu o sr. Silverio, que me disse: — tenho alli uma *Memoria* sobre a barra, e desejo mostrar-lh'a.

A *Memoria* era uma narrativa dos trabalhos dos engenheiros anteriores e dos seus, os quaes apenas consistiam no prolongamento do molhe ou paredão, que fixa a margem-sul do canal da barra— e em ter supprimido os *redentes*, que eram uteis.

VIII

Como a obstrucção do porto n'aquelle anno de 1874 era devida a movimentos extraordinarios do mar, observei, que não podiam evitar-se senão com um quebra-mar *(brise-lames)*, obra que defronta as embocaduras, e muito dispendiosa — e que muito convinha modificar a direcção do rio e das esteiras na visinhança da barra, e approximal-a o mais possivel da perpendicular á secção do seu canal, o que daria uma resultante maior, e era necessario para a escoante... e n'este ponto me interrompeu a pergunta do sr. Silverio:—o que é que entende por um quebra-mar?... e não disse— para a escoante de duas *eclusas, ou bacias de varrer*, em que seria facil converter as esteiras de Estarreja e de Mira.

O sr. Silverio, como muito depois vi, juntou á sua memoria a modificação das correntes interiores, que acima indiquei, mas desacompanhada das eclusas, o que em vez de favoravel a torna prejudicial ao fim que se pretende, e eis a origem do famoso plano.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

XXXVI

As forcas

Ficou bem gravada na memoria de todos o horripilante espectaculo que os limonadas expandiram em plena praça publica.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

L'Esprit d'une Fleur (1)

C'était quand le soleil, plein de vie et d'amour,
Comme une fleur, qui s'ouvre, épanouit le jour,
Je me plaisais a l'air joyeux de la nature,
Au sourire ingénu de l'astre, à ce murmure,
Sourd et léger du vent, qui s'assoupit au loin;
Et tandis que mes yeux s'ennivraient du matin,
Que tout semblait revivre et chanter dans la plaine,
La lumière égayant l'immensité sereine,
Tranquille, je rêvais, et mon esprit heureux,
Prennait toute leur joie aux doux rayons des cieux!
Et j'écontais ce chant, mystérieux, sublime,
Qui sort de toute chose, et se perd dans l'abyme!
Voilà qu'à mes côtés une petite fleur
Se dresse et gravement me dit-elle, songeur,
Parmi ces traits divins et l'air et la verdure
Ah! qu'il est doux de vivre et que la vie est pure!
L'astre-roi nous caresse et je le crois un dieu...
Si tu rêves d'amour, nous y tenous un peu.
En lisant leur destin sur nos tendres corolles,
Et nous aimant toujours comme leurs vrais symboles,
Les belles, dont le mondi est follement juloux,
S'arretent en fixant leurs doux rêgards sur nous.
Sous nos chastes rayons nous cachons des ivresses,
Et toujours il nous sied d'atirer les caresses.
Parfois, quand nous mêlons nos parfuns à leurs flammes,
On dirait qu'en nous même étincellent des âmes!
Le temps les fane ainsi que nos vives couleurs.
Rien qu'à les voir, poëte, elles semblent nos sœurs!
Roses! Vierges!... Sais-tu ce qui vient de leurs seins
Se verser sur leurs fronts; ineffables, sereins?
C'est le même flot pur de vie et de jeunesse,
Et la même fraicheur, et la même tendresse,
La même aube, qui rit, le même enchantement,
Je ne sais quoi de doux, de divin, de charmant:
Enfin, sur tout célà vois l'attrait du mystère,
Ou l'on pressent germer l'amour involontaire!
Mais si tu veux, d'ailleurs, dans ton rêve plongé,
Saisir un vague sens de l'immense Unité,...
Il vient du fond de tout l'aube surnaturelle,
Et l'astre flamboyant n'en est qu'une étincelle!
Rêgarde-nous encor de ton œil tout en feu,
Le sage lit partont les mots obscurs de dieu!
Son esprit curieux, se penchant sur les roses,
Y trouve le mystère, où sombrent toutes choses!
Pour les penseurs, sais-tu, la fleur vaut l'univers,
La goutte de rosée égale aussi les mers!
Comme les vastes cieux sous leur voûte profonde,
Nous voilons dans nos seins les grands secrets du monde!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

(1) O sr. Bulhão Pato traduziu em portuguez esta poesia; publicaremos a versão em algum dos numeros seguintes.

As forcas, elemento caracteristico do genio e aspirações da gente selvagem que perpetrou os crimes mais atrozes com o fim de escalarem as cadeiras municipaes, deviam apparecer no momento do triumpho.

. . . . . .

Raça maldita, grupo composto d'ebrios e vadios, commandado por *cabeças* rancorosos e vingativos, não teem papel a desempenhar no nosso meio: raça espuria e filhos degenerados a sua passagem ephemera será gravada na memoria de todos os municipes vencidos á força de crimes e d'arruaças: e na historia municipal, um borrão nojento e asqueroso indicará ás futuras gerações que uma horda de criminosos conseguiu pelo terror dominar uma população livre e intelligente.

As forcas serão varridas, como hão-de ser varridos os carrascos da nossa honra e dignidade.

Como os carrascos, os modernos herdeiros de carrascos, serão expulsos para passarem a figurar no grande ról das nullidades d'onde **nunca deviam ter sahido.**

(*Povo d'Ovar* n.º 20, jornal do *heroe* de S. João).

*

* *

O *heroe* de S. João no *Povo d'Ovar* n.º 31:

Como elles se arranjam

O Soares Pinto anda agora construindo uma casa d'habitação proxima á rua das Ribas, no local da que até agora habitava. Mas, como em frente fica um armazem, *arranjou* com que a camara deliberasse expropriar-o para que a sua nova casa ficasse com vistas para a estrada.

Agora já ninguem se póde pôr em frente do Soares porque se tal fizer, pode contar com a *expropriação por utilidade publica.*

O Cunha, já foi vêr o armazem e, segundo nos consta, disse ao Soares que pódia contar com a expropriação. Ainda não conseguimos saber se o Soares augmentou a propriedade que possue na Marinha e que confina com os maninhos da camara.

Porque se *passaria* o Soares?

Por isto e pelo mais que se não vê, conclue-se que o Soares se *passou para realisar as suas aspirações de homem de bem!*

Ai Soares, Soares, nem com os taes 6 contos serás capaz de nos reduzir ao **silencio.**»

Porque se passaria o *heroe?*

Ai, heroe, heroe, nem com dez contos serás capaz tambem de nos reduzir ao silencio.

*

* *

Coisas do Concelho

«. . . . . .

Por sobre o estendal de crimes levanta-se, arrogando importancia, o Carga d'Ossos falsario, o vil vendido pelo roubo.

Depois do drama a farça, depois do sangue das victimas o riso alvar do cynico.

Devia assim ser. Os que passaram não estavam sufficientemente descarados para exercer o roubo em grande escala. Foi preciso que alguns desapparecessem para que o Carga d'Ossos, estando á vontade com gente sua pozesse em acção todos os seus recursos na rapanagem.

A'vante, pois!

—

A que tempo chegamos. Vae ser presidente da camara o Soares, aquelle celebre Soares que toda a gente muito bem conhece por ahi, embora elle agora vista roupas caras—o habito não faz o monge. O Soares ha-de ser sempre o Soares, embora tenha passado pela administração do concelho onde nem se limpou nem se sujou e embora vá para a presidencia da camara.

Se foi para isto que elle passou da opposição para o governo e no momento em que as arruaças iam tomando maior vulto, enganou-se, porque o cofre municipal fica mais distante da presidencia do que de qualquer logar de vereador.

Para alguma coisa o Soares é *fino*—é para as coisas do municipio.

Este sujeito no futuro ha de ser glorificado.

João Brandão teve os seus admiradores.

—

E o Carga d'Ossos intrigando, pedindo, alliando-se ora com uns, ora com outros, vae agarrando os logares que criam dependencias, os logares onde se póde roubar á vontade.

Vae conseguindo dois fins—é o primeiro criar influencia, é o segundo engordar.

Apesar, porém, de todos os seus calculos, o vil vendido engana-se. Elle sabe que é odiado por todos, tanto correligionarios como inimigos.

Uns supportam-no porque tem o appoio que lhe deu a intriga, os outros esperam o momento de pagar a traição mesquinha, e uns e outros o dia em que hão de ser castigados todos os crimes commettidos.

A influencia apparente de que parece gosar o Carga d'Ossos desapparecerá n'um instante, porque ella nem tem por base a sympathia nem os favores. E nem os roubos o engordarão. O Carga d'Ossos apresentará sempre aquella face livida, emagrecida onde os remorsos se acham estampados e onde se lêem bem os crimes praticados cobardemente.

O Carga d'Ossos foi e será sempre a escumalha da sociedade onde vive.»

Era assim que no *Povo d'Ovar* n.º 170 escrevia o *heroe* de S. João.

Bons tempos...

Sentenças e despachos do sr. juiz Salgado e Carneiro

III

As aggravantes

8.º

Para o réo bacharel as aggravantes não são apenas as duas julgadas pelo sr. Carneiro, mas ao menos cinco.—1.ª a premeditação—2.ª a surpreza—(o queixoso estava apertando o collarinho, quando, sem o esperar, foi aggredido)—3.ª mais de duas pessoas, que o aggridem—julgada pelo sr. juiz (note-se)—4.ª os réos superiores em armas (o queixoso completamente desarmado levantava os braços e n'elles aparava as pancadas) e 5.ª—(susceptivel de objecções)—ser o réo pessoa, que *poderia* influir para a sua impunidade.

Artigo 34.º—9.ª—Falla no auxilio de *pessoas* que poderiam facilitar ou assegurar a impunidade.

Não se refere a funccionarios, porque se referiu *especialmente* a elles no n.º 25.º

Se no proprio réo se déssem as condições, a que o n.º 9.º allude, deviam ser consideradas uma aggravante—porém desistamos d'ella, porque a lei decerto exige condições superiores ás do réo bacharel.

Mas esta razão não milita para o juiz visto que julga o réo um *proeminente de tal ordem*, segundo s'expressa na sentença, *que apesar da accumulação de crimes, lhe attenúa a pena a 4 dias de prisão e ainda lh'a suspende.*

O réo, cheio de si, confiava na sua proeminencia, e tanto que a allega, e o juiz lh'a reconhece, e a exalta em termos lyricos e pomposos.

9.º

A classificação do crime

O juiz errou crássamente na classificação do crime, e poz fóra da responsabilidade dos réos o facto mais grave.

Lê-se na sentença (a folhas 65):

«Resulta porém claramente «do processo que este crime «foi instantaneo, vulgarmente «uma rixa—e não combinado «entre os réos—d'onde resulta «que elles não são solidaria«mente responsaveis pelas con«sequencias dos ferimentos, res«pondendo cada um tão sómen«te pelos seus factos, e não «constando do processo qual «ou quaes d'elles praticaram «as offensas, designadamente «aquella que produziu a impos«sibilidade de trabalho, cons«tando até da discussão, que «ainda outras pessoas bateram «no queixoso, necessariamente «se deve concluir em favor dos «réos, que praticaram as offen«sas mais simples, previstas no «artigo 357.º»

Ora o crime não foi uma rixa—o queixoso foi surprehendido e batido e não rixou, não bateu—da sua parte nem houve defesa, a aggressão foi toda da parte dos réos.

As testemunhas da accusação, a quem o sr. juiz *dá a preferencia*, dizem que o queixoso sahiu ferido da aggressão dos quatro réos,—embora *não combinados*, ligam-se no acto material do crime—são responsaveis por todas as suas consequencias, e uns pelos outros.

Embora não se saiba a qual ou á quaes se deva o ferimento na mão, que impossibilitou o trabalho. Embora tenham outros batido *com elles*. São todos solidarios.

O sr. juiz julgou como é seu costume, contradizendo-se.

Considera os réos não solidarios, e que cada um é só responsavel pelos seus actos.

Mas sendo assim como julga, que houve a circumstancia aggravante de ser o *crime* commettido por mais de duas pessoas?

Se os réos não estão ligados na aggressão, não ha um crime só, ha crimes diversos, e diversos agentes.

Não ha aquella aggravante.

Pasmoso!

O crime não pertence ao art. 359.º mas ao 360.º n.º 1.º—onde é punido com prisão *até seis mezes.*

Não havendo as attenuantes, não podia ser a pena reduzida a quatro dias.

A pena devia ser muito maior, e regulada por outras condemnações do sr. Carneiro, não podia ser inferior nos dois crimes—a 20 ou 30 dias de prisão, e multa de 40$000 réis,—e como provamos não estava no seu arbitrio o suspendel-a.

10.º

Mas a *glorificação* do bacharel, que lhe pareceu merecida, tolheu o seu criterio, e a sentença resentiu-se d'essa tendencia benevola a ponto de applicar a nova lei de 6 de julho de 1893, sobre a qual devem os juizes ser muito escrupulosos. A nova lei significa realmente a impunidade dos primeiros crimes, e induz a pratical-os na esperança de não soffrer a pena.

Praticar alguem um crime fiado na lei é o que mais póde condemnal-a.

E' um contrasenso.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

NOTICIARIO

Illuminação

—

A *excellentissima* (leia-se camara) decretou haver luar e por isso não mandou accender os candieiros n'estes ultimos tempos.

E' melhor, os fornecedores não perderão nada com isso. Nas contas *zero* vale *nada.*

E foram estes os que andaram a berrar durante muito tempo por um ou outro candieiro se apagar por acaso!

(*Povo d'Ovar* n.º 41).

N'estas ultimas noites os candieiros publicos apagados! Porque? O *heroe* que n'outros tempos tanto berrou, que faz agora?

Errata

—

No artigo—Confrontos—do numero ultimo da *Folha*, por erro typographico, veio—Quantas vezes se vendeu o heroe do S. João?—quando escrevemos: —Quantas vezes se rendeu o *heroe*, etc. Não vá o *sapateiro* tomar a mal...

Confronte-se...

—

Vive só, abandonado e repudiado de todos, o *heroe* de S. João, o sapateiro do *Ovarense*. Vive no Furadouro, por isso, sempre triste, arrogando todavia satisfação que tão mal apparenta.

Ouve-o apenas em passeio o juiz da comarca e... mais ninguem.

Mette-se com todos e até com o nosso amigo, sr. Sucena, de quem disse coisas bonitas no *Povo d'Ovar* n.º 19.

Leia-se:

—«**A razão de elle entrar para a camara.**—Ha dias perguntava uma mulher ao Berlengas a razão de o Sucena ter entrado na lista para a vereação da camara havendo tantos negociantes dignos, homens de muita probidade no concelho. O Berlengas respondeu—não que é com elles e outros assim que eu me acho...

Eis a razão porque o *povo escolheu*, para o administrar, o Sucena d'Agueda, o ex-caixeiro de Miguel das Picas.»

A'cerca de um casamento realisado no domingo, escreve o *heroe:*

—«. . . . . .

Foram padrinhos dos noivos o nosso amigo João Antonio Roiz da Silva e sua espoza.»

E no *Povo d'Ovar* n.º 150:

—«Que fizeram essa caterva de *Fredericos* de Joões Antonios e outros? nada, porque nada valiam, nada valerão; apesar d'isso *comem, comem* legal e illegalmente.»

Ainda mais:

—«O cabo do mar d'esta costa, nosso amigo João Pacheco Polonia mandou retirar, etc.»

O nosso povo ainda não esqueceu os *elogios* que esse *heroe* fez d'este cavalheiro no seu *Povo d'Ovar* que Deus haja; mas como os tempos mudaram...

Pequenas locaes

—

Sepultaram-se: na semana passada, uma filhinha da sr.ª Josephina Paes d'Almeida, da rua dos Lavradores; no domingo, um filhinho do nosso assignante, sr. Arthur Muje; e na segunda-feira, um menino de quatro annos do sr. Francisco Coelho.

A todos, os nossos pezames.

—Acha-se quasi restabelecido o nosso amigo, José M. Carvalho dos Santos.

Muito estimamos.

—O ex.mo sr. dr. Albino de Rezende, a banhos no Furadouro, queixa-se repetidas vezes da falta do nosso jornal quando é certo o temos enviado com toda a regularidade.

Ao sr. director dos correios pedimos providencias.

—Foram inspeccionados quinta-feira, ficando isentos, os nossos amigos, José Ramos e José Marques.

Com tal isenção, como diz um nosso amigo com espirito, só ganhou a Inglaterra!

Os nossos parabens.

—Apesar da chuva, no domingo a concorrencia ao Furadouro, de tarde, foi bastante.

Veja-se a chronica do nosso amigo *Zezinho* que acompanhou as festas d'esse dia.

—A uso de banhos, porque precisa muito d'elles, acha-se na costa do Furadouro, o nosso bom amigo Arthur Valerio.

—Francisco Valle declara para todos os effeitos que se vae padrar. Aquelle bigode vasto, muito preto, luzidio, espalhado pela loja do sr. Prosodio!

Uma cara explendida, comica, a do nosso Valle! Ora Deus lhe dê juizinho de mais para algumas coisas e de menos para outras.

E não nos queira mal por isso o futuro ministro de Deus.

—Chegou a esta villa domingo de manhã, o nosso amigo Bernardo Barboza de Quadros.

Partiu n'esse mesmo dia para o Furadouro, onde está a banhos com sua ex.ma familia.

Que chegasse bom é o que desejamos.

—O muito original, original de dar com um pau, que recebemos, obriga-nos a retirar a correspondencia de Lisboa, pedindo por isso desculpa ao nosso correspondente d'aquella cidade.

—Na segunda-feira houve abundante pesca na costa do Furadouro, havendo lanços de 400$000 a 600$000 réis.

—A *tuna* «João Alves» foi convidada a tocar hoje na Assembleia do Furadouro, convite que não ac-

ceitou segundo nos informam por dois motivos, a saber:

1.° Preguiça do regente e d'alguns socios.

2.° Pouca vontade por parte de todos.

Ora ahi está porque hoje os srs. pianistas d'aquella praia não gosam o descanço que esperavam como certo.

—Vimos na terça-feira o sr. dr. Joaquim Pereira de Magalhães, digno juiz de direito em Estarreja.

—Pelo ultimo decreto do ministerio da fazenda, foi collocado como escrivão de fazenda no concelho de Arouca o nosso amigo, sr. Antonio Augusto Freire Brandão, e transferido para a Covilhã o sr. João Huet Bacellar.

Os nossos parabens.

—Com as ultimas chuvas é impossivel e até perigoso transitar-se de noite, tal é o estado das estradas, e demais a mais a illuminação publica apagada.

Providencias, sr. *heroe*.

—Acha-se ha dias incommodada a filha do nosso amigo Francisco Antonio Lopes, do largo da Poça. Que melhore breve.

—Chegou das Caldas de Vizella o sr. dr. Serafim d'Oliveira Baldaia, distincto advogado e muito digno conservador n'esta comarca.

Os nossos cumprimentos.

—Partiu para o Furadouro a ex.ma familia do nosso amigo, o sr. Manoel Gomes da Costa.

Enfermo illustre

Tem passado com alguns incommodos de saude o sr. Francisco Barbosa de Quadros.

A'quelle illustre cavalheiro appetecemos melhoras breves.

Publicações

A Viuva Millionaria—Recebemos as cadernetas n.os 31 e 32 d'esta explendida obra editada pelos srs. Belem & C.ª

Agradecemos.

—Pela importante casa Grandella & C.ª, foi-nos enviado o quinto volume d'*O Labirintho de Lisboa* que agradecemos.

Para longe

Já de ha muito que não viamos o *Ovarense*. Como um nosso amigo mostrasse desejo de que lêssemos o numero passado d'esse jornal, para o não desgostar, passamos os olhos por esse estendal de porcarias e indecencias.

Aquillo cheirava mal.

Fizemos voto de nunca mais o ler.

Póde, pois, o *Ovarense* dizer o que quizer, que emquanto não deixar de ser indecente nunca terá resposta.

(*Povo d'Ovar* n.° 140).

Melhoramentos

Cifram-se em alguns carros de entulho nas ruas Nova, Sobreira e Velha!

As grandes obras em viação consistem n'isto e só n'isto!

Viva o *heroe!*

Desculpas

Ouçam o *heroe* a fazer a psychologia dos seus actuaes correligionarios:

—«Com que então quando empregamos as palavras *ladrões* e *roubos*, referindo-nos a actos praticados por uma certa ordem de gente que por bem conhecida se não confronta, era para armar ao effeito?

Ora, adeus..

Chamamos ladrões, dissemos que houvera roubos e comprovamos as nossas affirmações, mas como nos faltassem alguns elementos que só poderiamos obter d'uma secretaria e alli nos são negados, esperamos, para em melhor occasião, fazer responder no tribunal esses taes ladrões pelos roubos commettidos.

Esperem mais algum tempo e verão .

(*Povo d'Ovar* n.° 84).

Festividades proximas

No dia 1.° do mez proximo festeja-se o S. Miguelzinho na sua capelita situada no bonito largo do mesmo nome. E pelos modos espera-se uma festa á altura. E' de presumir visto a actividade e capricho dos festeiros.

Ao S. Miguel ninguem falte; ninguem tema o diabo: elle não foge do baixo dos pézinhos do Rei dos Anjos!

—N'esse mesmo dia e em homenagem ao mesmo santo, ha festa em Vallega, no logar denominado—S. Miguel de Vallega.

—A festividade do Furadouro, que costuma ser estrondosa, de muita nomeada, parece que este anno não se realisa.

Esperam-se, comtudo, soluções exactas dos cavalheiros que tomaram o voluntario encargo de taes festejos.

Quinta-feira proxima diremos das suas resoluções.

CHRONICA

O INVERNO

Seja como fôr, eu não me dou com o tal inverno.

Ora vejam vossas excellencias, que me conhecem de perto e até de *ginjeira*, como eu posso estar fechado em casa por causa da chuva e do vento!

Não que n'estes dias—ai, que dias!—tanta chuva, frio de mandar um mortal christão para a outra vida, lama e mais lama por essas ruas, agora desertas, os estabelecimentos a meia porta, um terror por ahi além, um diluvio em perspectiva!

E como quem manda está lá no alto, estou eu cá em baixo sujeito a morrer de tedio, macambuzio,—caso raro!—todo o corpo arrefecido, menos o coração, um capote a cobrir-me, muito comprido, muito velho, do tempo do meu avô, com alguns rasgões e tresandando a môfo, o postigo do meu pobre cubiculo bem fechado e a chuva lá fóra a cahir—tac, tac...

Eu têmo os trovões, e quando o seu estampido fere os meus pudicos ouvidos,—ai, meu Deus!—apego-me á magnifica e a Santa Quiteria, rezo por mim e por todos, e depois torno a rezar para o Senhor não mandar fazer mais barulho lá em cima, no primeiro céo.

Têmo egualmente as faiscas, os relampagos, mas gosto de os ver ferir lume.

São mesmo como as faiscas e relampagos que sahem precipitadamente, dos olhos d'uma feiticeira a quem Deus me encarregou de guardar, de velar e de, quando a fome me apertasse, ensopal-a com batatas. Deve ser boa a minha sr.ª feiticeira ensopada.

Da mesma fórma não gosto do vento muito forte.

Incommoda-me, e faz-me pena ainda mais os terriveis effeitos que elle produz nas cabecitas das minhas meninas leitoras...

Porque eu sou um desgraçado, mesmo um desgraçado de coração, não posso ver ninguem afflicto, mórmente quando a afflicção ataca vossas excellencias. Eu desejava soffrer por todos. Vejam e avaliem a minha bondade, bondade de um santo!

Um santo?! Porque não?

Para se alcançar o céo não bastam sacrificios, é preciso que nos furtemos aos prazeres que este ingrato mundo nos aponta simplesmente para peccarmos, para perdermos jus ao céo, depois de já entregue aos bichinhos sagrados do cemiterio.

Bem faço eu, porisso, pois não quero aproveitar-me das regalias do mundo, vivo só e vivo bem, entregue ás minhas rezas, entregue a Deus e aos santos.

Agora tudo gosa nas praias, e eu grande peccado vinha a commetter se seguisse a mesma onda.

Tambem em recompensa alcanço o céo, e os outros?

Sabel-o-hão.

Deixem-me pois, viver assim.

E aquelles que me invejam façam o mesmo.

Não escarneçam portanto de mim, do meu estado macambuzio, da minha solidão n'este cubiculo, embrulhado no velho capote, entregue ás minhas rezas, nada ouvindo a não ser a chuva lá fóra a cahir—tac, tac...

E dito isto nada tenho dito, mas fico por aqui.

Jayme.

Chronica do Furadouro

Meus carissimos:

Chuvoso, batido por um vento cortante, frio, tristônho emfim, o domingo ultimo, mas um dia bem passado, um dia de truz para os banhistas do *high-life* d'esta bella praia.

De manhã, na Assembleia uma explendida *matinée*, muito concorrida, cincoenta senhoras vestindo riquissimas *toilletes*, numero superior de cavalheiros, bella *clak*, luva pellica chineza, sapato verniz pura Austria.

Um resumo do que se passou:

Executaram magistralmente ao pianno differentes e bellos trechos de musicas as ex.mas sr.as D. Barbora Barbosa, Maria Chaves e Irene Ferraz.

Muito applaudidas.

Cantaram bem os srs. dr. Corte Real e Bizarro, este especialmente, pela suavidade e doçura da voz.

D. Roza Nobre cantou com muita graça e irreprehensivelmente uma melodia popular hespanhola.

O nosso presado amigo ex.mo sr. dr. J. d'Almeida, recitou uma pequena poesia sua—*Cruz*—sendo instado para nova recitação.

Pelo sr. J. Leitão ouviu-se metade da poesia «Lagrima» de Guerra Junqueiro. Enganando-se trez vezes—já é!—terminou pedindo desculpa—pois não tivera tempo de a metter bem na caixa cornea!

Desapontamento geral! manifestado por meio de um silencio prolongado.

A'parte pequenissimas coisas e a falta de dois rapazes que se comprometteram a fazer o seu papel—recitar poesias - o programma compriu-se terminando por dança animadissima que se prolongou até proximo das 3 horas da tarde, hora do indispensavel serviço, da paroca.

De tarde, grande surpreza!

A philarmonica «Ovarense» apresentou-se, n'esta praia sem ser esperada, attendendo á muita chuva. A rua principal apinhou-se completamente a ouvir a musica.

Mas, apezar d'isso, uma animação constante.

E á noite, parte da musica ficou para tocar na Assembleia.

Muito animado este grande salão; calôr de succumbir um homem; as senhoras com *toilettes* de bom gosto, proprias da occasião. Dança continua, ditos chistosos; commentarios sobre a *matinée* d'esse dia, sobre a «Lagrima» que fez lagrimijar, occulto, o seu recitador; Dias Simões tocava com muito sentimento, acompanhado por F. Marques, conhecido das damas pelo terrivel propugnador das ideias celibatarias.

Um dia cheio—manhã, tarde e noite! Assim, sim; assim gostamos nós de mandar chronicas para os nossos carissimos que decerto vão lêr avidamente estes rabiscos feitos apressadamente para tomarmos logar n'este canto da *Folha*, em quanto outro ou outros chronistas embora de melhor fama e mais auctorisados, não surgem a fazer tal pedido antes de nós.

E até á semana.

17—9—93.

Zézinho & C.ª

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 17 de setembro

Meu caro Gomes Dias:

A distracção é um especifico heroico para as enfermidades do corpo e do espirito. Eu, por experiencia propria, posso fallar de cadeira.

Desde que vi nos jornaes que no dia 10 do corrente havia comboios especiaes de recreio para o Bussaco, alimentei immediatamente a fagueira ideia de ir tambem.

Queria vêr o Bussaco, de que se contam tantas maravilhas. Na vespera da partida é que são ellas.

Uma tremenda dôr de ouvidos me apoquentou e até ás 4 horas da madrugada, em que tinha de partir da Foz. Nem carros, nem americanos para cúmulo de fatalidade! Ainda assim e segundo o *audaces fortuna Juvat*, apesar de torturado pelas dôres dos ouvidos, não desesperei e no *landeau* das pernas fiz corrida até á estação das Devezas.

Imagine-se se para ir á missa daria caminhada tão abonada!?

De lenço atado a tapar os ouvidos assim fiz o trajecto até aquella estação. Embarquei, mas ainda com as malditas dôres.

Começa de rodar o comboio e eu trato de familiarisar-me com os companheiros de viagem.

Pandegos todos, metto-me no brodio e eis que as dôres me abandonam.

Estava bom. Registe-se, pois:

Para as dôres de ouvidos 12 kilometros a pé, comboio, companheiros pandegos e tudo diluido em brodio.

Em summa:—para as enfermidades do corpo e espirito—distracção.

Chegados á Pampilhosa tomamos outra linha para o Luso.

Desembarcamos e tratamos de montar gericos a 200 réis, e em alegre e divertidissima pandega seguimos para o Luso.

E' uma pequena povoação pertencente ao concelho da Vacariça, situada a tres leguas de Coimbra. Apesar de pequena é admiravelmente confortavel e sustenta tres ou quatro hoteis sempre occupados por hospedes de recreio ou de ares. Tem lindos e elegantes chalets, destacando-se magestosamente com os seus enormes torreões o do sr. Emygdio Navarro, nosso ministro em França.

Em obra d'arte é um primor.

D'aqui internamos-nos na matta do Bussaco.

Já com voraz appetite e todos os meus pandegos e alegres companheiros tratamos de abancar a uma meza de madeira com que deparamos e fizemos lautamente bem ao estomago, refrescando-o tambem até á *carraspanita*.

N'estas occasiões nem dada nem de graça e é dos livros.

Reparadas as forças e após o descanso, botamos de novo gerico e eis nos a caminho.

Desde a entrada da matta até á Cruz Alta, seu ponto mais elevado, o meu ser esteve em extasis.

Os meus sentidos enlevados, arrebatados por tão viva contemplação.

A minha admiração era tão viva que sonhava com os olhos abertos.

A natureza revela-se alli em toda a sua magestatica vegetação.

E' impossivel haver coisa semelhante. A matta d'uma extensão incomparavel é bella, magestosa, nos arruamentos bellos que a cortam.

Tudo quanto vi e admirei e que deixo de frisar por absoluta falta de espaço, patenteia eloquentemente o poder sobrenatural que alli impera. O nome do Bussaco anda ligado a um notavel episodio da historia portugueza.

A 27 de setembro de 1810, um exercito francez de 65:000 homens, commandado por Massena, foi repellido e batido com grande perda pelo exercito luso-anglo de 40:000 homens commandado por lord Wellington e composto principalmente de recrutas portuguezes. Posto que não poderam os francezes tomar esta forte posição, conseguiram comtudo torneal-a, mas já acharam os alliados nas linhas de Torres Vedras, em sua marcha sobre Lisboa.

Lá vi o forte ou memoria aonde estão os restos de centenares de francezes que pereceram n'essa terrivel batalha. Da Cruz Alta descobre-se o mais extenso panorama que jámais se tem offerecido á vista.

O placido Mondego lá corre por entre arbustos de verdes planicies, tendo na circumvisinhança Coimbra, Montemor, Figueira da Foz e seu porto.

O vastissimo horisonte que se descobre não se descreve, porque se não pode; é preciso ver-se, admirar-se.

Recommendo, pois, á humanidade inteira o Bussaco e sobre tudo quando tiver dores de ouvidos.

Eis n'este meu desalinhado *compte-rendu* as impressões que me ficaram de tão inolvidavel digressão.

Termino com um bravo enthusiastico aos meus sympathicos companheiros de viagem e do brodio.

Até á semana.

Teu amigo,

S. Garrido.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Antonio dos Santos Brandão (ausente), Monica da Silva Brandão, Francisco José Rodrigues e filhos, agradecem muito penhorados, a todas as pessoas que se dignaram honrar com a sua presença, o funeral do seu lembrado filho, neto e sobrinho, que teve logar no dia 6 do corrente.

A todos o seu indelevel reconhecimento.

Ovar, 8 de setembro de 1893.

AGRADECIMENTO

Arthur d'Oliveira Muge, Maria José da Conceição Corrêa Muge e Anna de Jesus Ignez de Jesus Muge, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram e assistiram aos responsos de sepultura da sua sempre chorada filhinha, neta e sobrinha, Ignez Armanda da Conceição Corrêa Muge.

Ovar, 19 de setembro de 1893.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL
DOS
Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação
Largo da Pocinha, 73 a 77
PORTO

MURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 reis.

As pessoas quebradas

Com o uso por algum tempo do milagroso emplastro ANTEUPHELICO, se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

Preço da caixa 1$800 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio.

Molestias de pelle

POMADA STYRACINA

Cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpes, lepra, panno, sardas e as feridas antigas.

Preco, 600 réis cada caixa.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio a *Manoel Pinto Monteiro*, rua da Rosa, n.º 206—Lisboa.

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura: —Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

JÁ SE ACHAM Á VENDA

REPERTORIOS
E
ALMANACHS

PARA 1894

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada collecção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feiticeiras, Propheta Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Amblosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Borda d'Agua, Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velho.

Para revender grandes descontos

Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora
DE
MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde pódem ser dirigidos todos os pedidos.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

CASA EDITORA
DE
GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marceneria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem approximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77 (R. de Santo Ildefonso) — **R. de Passos Manoel, 192**

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memorandums, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviam-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A' VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encommendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encommendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

Imp. Civilisação—Rua de Santo Ildefonso, 73 77 (Pocinha)